

a face serena

MARIA VALÉRIA REZENDE

EDITORA PENALUX
Guaratinguetá, 2017



Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO: França & Gorj

CAPA E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA: Guilherme Peres

REVISÃO: Daniel Zanella e Viviana Rezende

FOTO DA AUTORA: Edson Matos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

R467f Rezende, Maria Valéria

A face serena / Maria Valéria Rezende. - Guaratinguetá, SP :
Penalux, 2018.

158 p. ; 14cm x 21cm.

ISBN: 978-85-5833-302-3

1. Literatura brasileira. 2. Contos. I. Título.

2018-158

CDD 869.8992301

CDU 821.134.3(81)-34

Elaborado por Odílio Hilario Moreira Junior - CRB-8/9949

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira : Contos 869.8992301
2. Literatura brasileira : Contos 821.134.3(81)-34

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

CHUVA

MAL ACABOU DE LANÇAR A ÚLTIMA PÁ DE TERRA sobre a cova rasa do único filho, Cícero agarrou o saco de algodão em que já havia metido a certidão de nascimento, a outra muda de roupa e o par de sapatos de lona e foi-se. Sem dizer nada. Não era preciso. As últimas chuvas, como ato de despedida, haviam arrombado a parede do açudezinho e nunca mais voltaram.

Maria do Desterro ficou. Por um tempo incontável. Apoiada à beirada da janela, olhando o chão estorricado, sua própria pele seca como o papel velho e inútil da escritura da terra, sentindo seco o oco do útero, nenhum cheiro, nenhum gosto nas mucosas ressequidas, nos ouvidos só o estalar dos galhos secos. Os olhos enxutos. Fechou-os. Nada em que pensar, senão a secura.

Tão pouco restou que o próprio tempo minguava, sem que nenhuma mudança tornasse perceptível sua passagem. Nenhuma notícia lhe chegava dele, despossuídos ambos de letras e de palavras, dependentes apenas de seus próprios pés para transpor distâncias e dar sinais de vida. Para Maria do Desterro, havia muito que o tempo se resumia em apenas alguns

momentos esparsos: a fuga para casar-se, a morte do menino ainda sem nome, a partida, uma visita repentina e passageira de Cícero, a caminho de outros cantos onde cavar uma vida. Entre um momento e outro, o presente vazio, um agora infinito, sempre igual, cor de terra queimada. Quase nada eram, então, o tempo e a vida.

O tempo voltou a correr quando a sogra chegou e disse você vai-se embora comigo, para onde tem gente, nem se sabe se ele um dia volta, uma mulher sem marido nem filho não pode ser, assim sozinha. Você vai-se embora comigo antes que venha a chuva e derribe os barrancos do caminho.

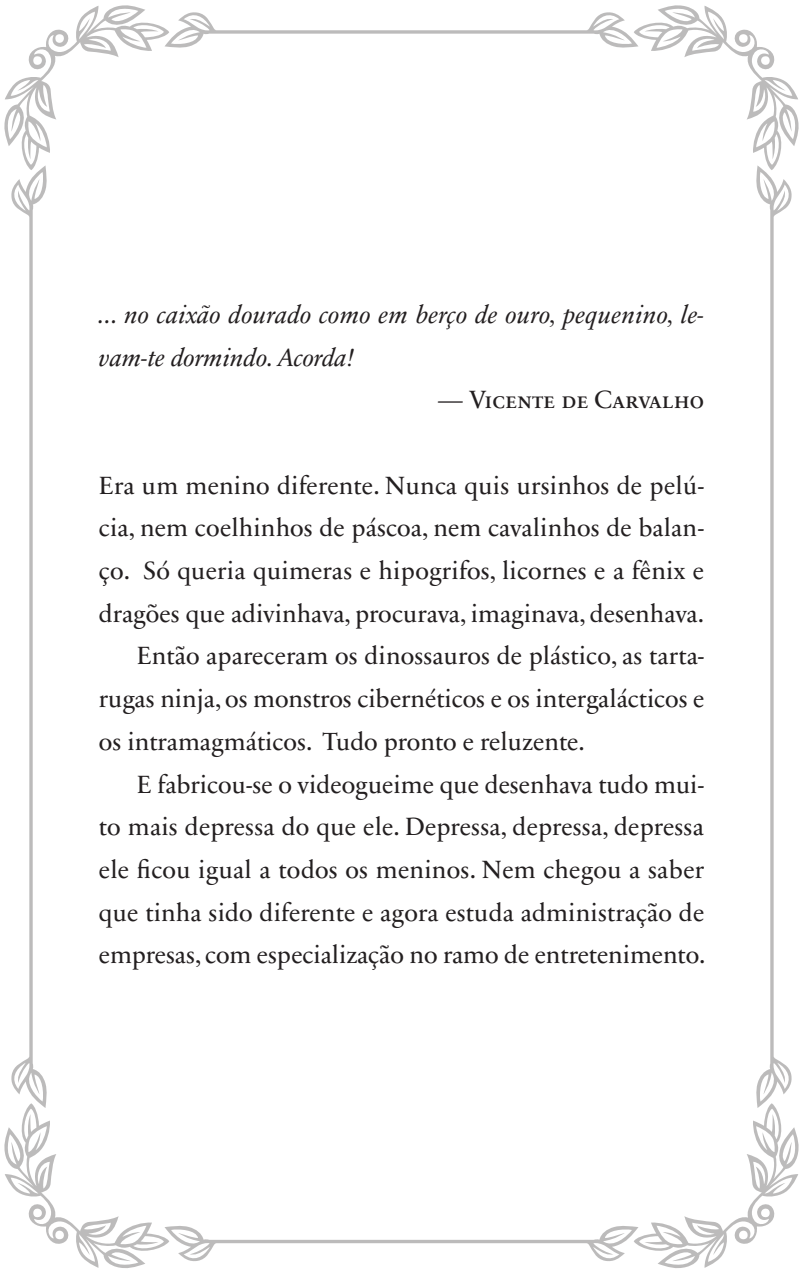
Maria do Desterro nada disse, não se negou, deixou que a sogra enrolasse o nada que possuía na rede velha, uma trouxa minúscula, enquanto ela permanecia apoiada à beirada da janela, olhando o chão ainda estorricado, sua própria pele seca como papel velho. De repente, ela ouviu como um murmúrio no telhado, sentiu, espantada, um cheiro de terra molhada, úmidos os olhos e alguma coisa mexendo-se bem no centro dela. Então lembrou-se de que, por uma noite, no tempo certo, ele tinha passado para uma rápida visita.

MONSTRO

O PRIMEIRO SAIU GRANDE, BONITO, abriu logo o berreiro, eta!, pulmão de aço!, disse a parteira, agora só falta a placenta. Foram cuidar do primogênito, apararam o cordão, a placenta, o sangue numa bacia e já iam enterrar quando a avó ouviu o meio grito: ele estava lá, vestido de sangue e muco, quase um menino, meia cabeça, como cortada a facão, certinho o corte, de cima a baixo, um olho, uma venta, uma orelha, metade dum riso, de um tronco, das partes, um braço, mão, uma perna, pé, tudo perfeitoinho. Meio menino. Ôxe, um saci!, acharam que não vingava, deixaram pra lá.

Só a avó acreditou, recolheu, levou pra expulsar a solidão de seu barraco. Nascidos antes da hora, faltou o acabamento deste, cismou. Todo dia regava com água de chuva o lugar do corte, a emenda, pensava. Esqueceram-se dele como já tinham esquecido a velha. Ela regando, o corte se abrindo, brotando, crescendo a outra metade. Metade de menina. Quando viram: bruxaria! disseram. A avó fugiu com a criança para o ermo mais distante. Ele-ela cresceu sem conhecer maldade. Até que o mundo os encontre.





... no caixão dourado como em berço de ouro, pequenino, levam-te dormindo. Acorda!

— VICENTE DE CARVALHO

Era um menino diferente. Nunca quis ursinhos de pelúcia, nem coelhinhos de páscoa, nem cavalinhos de balanço. Só queria quimeras e hipogrifos, licornes e a fênix e dragões que adivinhava, procurava, imaginava, desenhava.

Então apareceram os dinossauros de plástico, as tartarugas ninja, os monstros cibernéticos e os intergalácticos e os intramagmáticos. Tudo pronto e reluzente.

E fabricou-se o videogame que desenhava tudo muito mais depressa do que ele. Depressa, depressa, depressa ele ficou igual a todos os meninos. Nem chegou a saber que tinha sido diferente e agora estuda administração de empresas, com especialização no ramo de entretenimento.



INVEJA

ATRAVÉS DA VIDRAÇA, A OUTRA, a tal de Lila. Lá fora, livre, desdentada, alegre, descabelada, forte, descalça, espertíssima, quase nua, morena, quase preta, invejável.

Por trás dos vidros, Danielle, vestidinho limpíssimo, bordado, enfeitado com casinhas de abelha, linda!, perfumada, sapato e meia, penteada como uma princesa, fitas brancas no cabelo, uma gracinha!, como sempre, desde que nasceu, desde o primeiro minuto. Nunca teve aquela cara de joelho dos outros recém-nascidos. A menininha linda da mamãe! Correr descalça e pelada pelo quintal, imagine!, nunca!, vai queimar essa pele branquinha e esse cabelinho maravilhoso, machucar o pezinho lindo. Abrir a vidraça, não. Está uma friagem danada, quer se resfriar e ficar com esse mimo de narizinho todo vermelho?, de jeito nenhum! Fica aqui quietinha, brinca com sua Barbie, quer que mamãe conte uma história? Você quer ficar horrorosa como aquela menina? Minha filhinha linda, ficar feia e maltratada como aquela ali?

A outra, lá fora. Daqui da janela, através dos vidros, ouvem-se os gritos, as risadas exageradas, vê-se o quintal inteiro.

 penaluxeditora@gmail.com

 penaluxeditora